



# Clipping de notícias



Recife, 09 de novembro de 2018.

## Economia

**SERTÃO** Pequenos agricultores do Araripe comemoram alta de 30% da produção e novo mercado aberto pela Ambev, com a cerveja Nossa

**EDILSON VIEIRA**  
edvieira@jc.com.br

**A**RARIPINA (PE) – Vilmar da Silva Carvalho, 58 anos, anda com firmeza pela plantação de mandioca de 80 hectares que mantém na Serra da Torre, no município de Araripe, a 680 km do Recife. Com agilidade, o agricultor arranca da terra a raiz que é motivo de alegria. “Costumo dizer que eu tenho três mães. A do Céu, que é Nossa Senhora; a da terra, que me trouxe ao mundo e esta daqui, que deu minha riqueza, é a mãedioca”, sorri.

A satisfação com o trocadilho tem explicação. Seu Vilmar comemora a boa safra possibilitada pelo inverno, que aumentou a produção em torno de 30%. Celebra também o novo mercado que se abriu a partir deste ano. A família de seu Vilmar, junto com outras cinco da região do Araripe, foi escolhida pela cervejaria Ambev para fornecer a mandioca que compõe a receita de sua nova bebida: a cerveja Nossa. Lançada há dois meses, ela é produzida em Itapissuma, Região Metropolitana do Recife, com receita exclusiva que leva amido em sua composição. O amido vem das mandiocas plantadas por pequenos agricultores do Araripe.

“Antes, toda nossa produção de mandioca era para fazer farinha ou goma de tapioca. Mas produzir farinha é caro porque gasta muita energia elétrica e água”, diz Gilmar Carvalho, filho de seu Vilmar. Ele diz que a família acabava na mão do atravessador, que pagava “o quanto queria” pela raiz. “Abaixo de R\$ 150 a tonelada não compensa nem produzir”, diz ele, explicando que o preço do produto varia muito ao longo do ano, podendo cair muito ou passar dos R\$ 350 a tonelada, dependendo da oferta e da procura. Com a entrada de um comprador de grande porte, como a Ambev, os produtores têm



**“MÆDIOCA”** Sertanejo arranca da terra com alegria raiz que fornece cada vez mais possibilidades de sobrevivência e negócios para pequenos produtores

# Mandioca ganha novo status em Pernambuco





o preço garantido para aquela safra, o que acaba gerando lucros maiores.

Quem também fez as contas foi Silvano Moraes Coelho. Filho e neto de agricultores, ele havia escolhido outro destino. Lecionou geografia por dez anos em escolas públicas de Araripina. Mas há dois anos, largou a sala de aula e decidiu mapear as possibilidades da Serra do Inácio, já quase na divisa com o Piauí. A altitude de 860 metros acima do nível do mar é boa para a mandioca, ensina Silvano, mostrando que não esqueceu as lições de geografia. "Comecei a cuidar da roça de 50 hectares de mandioca junto com meus irmãos e primos. Em junho, vendi 150 toneladas para a Ambev. Agregou valor e deu moral ao nosso produto", diz Silvano, que já planeja ampliar a área plantada para 100 ou 120 hectares no próximo ano, caso o inverno seja tão bom quanto foi em 2018.

O engenheiro agrônomo da Ambev, Vitor Pistola, explica que desde o início, a ideia era ter um novo produto que tivesse a ver com a cultura local. "Há dois anos, pensamos em produzir uma cerveja que fosse feita em Pernambuco, para ser vendida apenas no Estado e com um viés social." Vitor, que é gaúcho, visitou várias vezes a região do Araripe em busca dessas famílias. "Usamos como critério para a seleção dos agricultores os que mantêm boas práticas de manejo do solo, preservação do meio ambiente e sintonia com o compliance da Ambev", diz. Apesar de não revelar números de produção ou mesmo de investimentos, Vitor Pistola garante que o projeto ainda está em fase inicial e tem bastante espaço para crescer. Até o fim do ano, a expectativa é de que a cerveja pernambucana esteja disponível em 10 mil pontos de venda no Estado.

A chegada da Ambev em Araripina fez a roda da economia girar. Uma fábrica de fécula de mandioca foi contratada pela Ambev para produzir o amido usado na cerveja. A empresa estava praticamente parada desde a sua inauguração, há seis anos. Uma seca que durou todo esse período fez a produção cair, inviabilizando o investimento de R\$ 30 milhões. "Hoje estamos processando 200 toneladas de mandioca por dia, mas temos capacidade para processar até 600 toneladas", afirma Cristiano Coelho, gerente da Maxx Amido, que emprega 25 pessoas e compra a raiz por R\$ 250 a tonelada.

● O repórter viajou a convite da Ambev



**MUDANÇA**  
"É uma satisfação ajudar a produzir uma bebida que só Pernambuco consome. Deu moral a nossa produção", orgulha-se Silvano Moraes, ex-professor e hoje, agricultor



“ Ter um comprador certo é importante para garantir um preço bom pela produção. Senão, a gente acaba na mão dos atravessadores”, diz o agricultor Gilmar Carvalho



**AGRICULTORES**  
Família de Vilmar Carvalho (ao centro) e seis escolhidas pela Ambev para fornecer a mandioca utilizada na fabricação da nova cerveja, que só é vendida em Pernambuco



“ Produzir cerveja a partir da mandioca exigiu um aprimoramento dos nossos testes de qualidade”, afirma o biólogo da Maxx Amido, Robson Coelho

ARTES JC

## Araripina

● Distância do Recife: 690 km

● População: 83.964 habitantes

● Economia: O município e a microrregião do Araripe se destacam pela exploração, beneficiamento e comercialização de calcário e de gipsita, matéria-prima do gesso. A região do Araripe responde por 90% da produção brasileira e por cerca de 95% das reservas nacionais. Araripina também se destaca como grande produtor de mandioca e seus derivados (farinha, goma e fécula).  
Fonte: IBGE



Produção de mandioca (2017)

**24.060 toneladas**

Área plantada

**4.015 hectares**

Área colhida

**4.015 hectares**

Rendimento médio

**5.993 kg/ha**

## Corte de verbas para as pesquisas

O contingenciamento de verbas destinadas à ciência e à tecnologia, realizado pelo atual Governo Federal, motivou há alguns meses que 23 ganhadores do Prêmio Nobel enviassem carta ao presidente Michel Temer, solicitando que não permitisse a redução de recursos financeiros destinados àquelas áreas. Esse gesto reflete, também, a preocupação de cientistas brasileiros sobre a questão.

A comunidade científica nacional entende que o contingenciamento de verbas inviabilizará os trabalhos de pesquisa no País, que continua repercutindo. A carta assinalava que houve um corte de 44%, este ano, no orçamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações, além da possibilidade de acontecer um nova redução.

A biomédica Helena Nader, ex-presidente durante seis anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), afirmou que a carta dos 23 laureados com o Prêmio Nobel ratifica o posicionamento da comunidade científica brasileira, expressado já expressado há mais de um ano, recorrendo, ainda, a uma metáfora, qual seja de que se não for revertido o contingenciamento, o Brasil mergulhará numa espécie de “Era das trevas”.

É redundante assinalar a importância das pesquisas científicas em todo o mundo, podendo causar “um êxodo de cérebros”, não somente desmotivados para a execução dos seus trabalhos, como por salários incompatíveis com a relevância das suas funções.

Outra consequência negativa

seria o desaparecimento de entidades científicas e tecnológicas, vinculadas àquele ministério. Mais ainda, atualmente, há um processo de muita competitividade por novos mercados. Faz poucos anos que o País teve melhores condições no ranking internacional, mas vem perdendo posições para outros países.

Os ganhadores do Nobel, signatários do documento, foram premiados com a láurea nas áreas de Medicina, Química e Física, a partir de 1986. O gesto de todos inspirou-se em vários artigos publicados em revistas de excelente conceito, a exemplo da “Nature” e da “Science”.

Ontem, os meios de comunicação noticiaram que os recursos para 2019, segundo o CNPq, expressiva agência nacional de fo-

mento à pesquisa científica, vinculada ao Governo Federal, as verbas que garantem seu funcionamento, no valor atual somente alcançaria o mês de setembro de 2019, sendo necessário acrescer mais R\$ 300 milhões, a fim de continuar os trabalhos.

Em resumo, o corte de verbas dessa natureza já aconteceu em outros países que enfrentaram crises econômicas, porém em escala menor do que a aplicada em nosso país, sendo possível concluir que no Brasil os recursos destinados à educação e à ciência são considerados gastos.

Na realidade, representam investimentos rentáveis, pelos avanços que surgirão das pesquisas realizadas, especialmente se houver uma integração com as empresas privadas.

**SECA >** Nesta segunda, a Faepe e o Sebrae vão debater soluções para minimizar a seca durante o Fórum Permanente de Convivência Produtiva com as Secas, no Grand Mercure.

**MONITORAMENTO >** Com o objetivo de monitorar e fornecer informações aos agricultores sobre a condição nutricional de rebanhos e produção de alimento animal, o Instituto Agrônomo de Pernambuco desenvolveu a tecnologia PecuariAdapta.